

CADEIRA N.º 32

Patrono: Cônego Ulisses Pennafort

Vaga: Falecimento de José Waldo Ribeiro Ramos

Recipiendo: Braga Montenegro

Recipiendário: José Maria Moreira Campos

Data da posse: 17 de agosto de 1962

JOSÉ MARIA MOREIRA CAMPOS. Nasceu em Senador Pompeu, no dia 6 de janeiro de 1914, sendo filho de Francisco Gonçalves Campos e Adélia Moreira Campos. Bacharel pela Faculdade de Direito, em 1946. Considerado um dos melhores contistas brasileiros, incluídas algumas de suas produções em várias antologias de contos nacionais e estrangeiras. Pró-Reitor de Ensino de Graduação da Universidade Federal do Ceará. Professor. Publicou: *Vidas Marginais* (1948); *Portas Fechadas* (1957); *As Vozes do Morto* (1963); *O Puxador de Terço* (1969); *Contos Escolhidos* (1971) e *Momentos* (poesia), 1976.

Braga Montenegro

Sr. Moreira Campos:

Eu deveria começar esta minha saudação com as palavras — já por mim referidas em outra parte — com que Rui Barbosa iniciou, no dia 17 de maio de 1908, seu memorável discurso de recepção a Anatole France, na Academia Brasileira de Letras: *Mon courage serait inconcevable, si j'avais eu la liberté du choix, en acceptant la mission de vous adresser la parole...* (1) Seria, sem dúvida, inconcebível atrevimento meu se me fosse dada a escolha da incumbência de vos saudar nesta oportunidade, sr. Moreira Campos, nesta festa que é

(1) *Discurso de recepção de Anatole France. In Almanaque Brasileiro Garnier, Rio, 1910, p. 502.*

vossa, que é a exaltação de vossos predicados intelectuais e humanos, que é o reconhecimento de vossos méritos literários, que é, por fim, a consagração definitiva de vossa obra — pois nossa província, com ser pobre, com ser orgulhosa de sua tradição mental, não tem por costume reconhecer virtudes em seus filhos sem que essas mesmas virtudes sejam aceitas e alardeadas no consenso unânime da inteligência nacional, sejam acatadas lá fora, nos grandes meios culturais, senão também, como é o vosso caso e o de vossa obra, sejam galardoados por troféus insígnos. E essa atitude certamente insólita e, talvez, no ânimo de observadores menos avisados, obtusa e mesquinha, decorre disto mesmo de que somos pobres e orgulhosos, portanto céticos e desconfiados. Daí a significação da homenagem que a Academia vos presta em vos aceitar sem discrepância, em vos acolher neste momento sob flores abundantes: flores naturais, flores de retórica, flores de amizade.

Mas eu dizia de minha incompetência na assunção desta tribuna para vos receber em nome da Academia, para dizer de vossa glória e da grandeza de vossa obra, em momento como este referto de tantas galas e de tamanhas solenidades. Não seria, desta sorte, muito feliz de minha parte a invocação de Rui Barbosa no símile em que a humildade de minha pessoa e a inabilidade de minha prosa estão em causa.

Rui Barbosa, naquela peça admirável de análise literária, em que dissecou com raro tino exegético a obra do endiabrado escarnecedor dos costumes, das farsas sociais e até das verdades aceitas (não certamente das verdades eternas, das que se nos impõem com a certeza granítica de irrefragáveis axiomas, porém daquelas que a mediocridade erige como norma de ação), obra constante de páginas numerosas, desde *Sylvestre Bonnard*, seu livro de estréia premiado pela Academia Francesa, até a *Ile des Pingouins*, com seus jovens inflexíveis matadores de velhos reacionários; desde a angelitude de *Balthasar*, que descobrira no céu uma nova estrela, até as irreverências da *Rôtisserie de la Reine Pédauque* e *Les Opinions de Mr. Jérôme Coignard*, repletas de sarcasmo e de *mot d'es-*

prit; desde, enfim, as reflexões agudíssimas de *Sur la Pierre Blanche*, até as ironias acerbas dos contos de *L'Étui de Nacre* — Rui Barbosa a tudo reviu, a tudo comentou, a tudo exaltou ou criticou sem reservas e no próprio idioma do ilustre recipiendário. E a crítica do grande advogado, do brilhante homem público brasileiro, foi comentada pelo príncipe da prosa francesa, pelo então mais admirado e autorizado representante do gênio latino, com a designação de *charmante page de littérature française* e, também, com a queixa irreprimida de *roses avec beaucoup d'épine*.

As palavras de Rui, todavia, mereceram estas reações formidáveis, ou de elogio ou de ressentimento, provindas de origem tão nobre e autorizada como eram ao tempo os juízos do mestre francês. Porém, no que me toca, eu apenas terei de me penitenciar de minha *outrageance*, de meu involuntário atrevimento no desempenhar, neste momento, o encargo que de bom aviso deveria ser cometido a outro Acadêmico. Aí está Filgueiras Lima, dono de um verbo cintilante, tecedor de imagens e de símbolos de poesia; aí está Mozart Soriano Aderaldo, orador excelente, alimentado em Vieira e na dialética dos neo-tomistas; aí temos João Clímaco Bezerra, ficcionista como vós, romancista consagrado e crítico de aguda sensibilidade, que tem a mais do que todos nós o privilégio de ter sido um vosso companheiro de puerícia e de adolescência e, portanto, terá recolhido de vossa personalidade uma documentação e uma experiência sobremaneira originais e verídicas, próprias para ser recordadas numa ocasião como esta; aí temos José Valdivino, senhor de uma bem sedimentada cultura clássica e que melhor poderia recolher de vossa obra os segredos de composição e de estilo; aí temos, nesta Academia, toda uma plêiade de escritores, de poetas, de ficcionistas, de publicistas, mais credenciada do que este companheiro e admirador reverente que em nome desta Casa de tantas tradições vos recebe comovido. O Sr. Presidente, que já por tantas vezes nos dera as primícias de sua eloquência, as altitudes de seu pensamento e a sólida expressão de sua cultura científica, histórica e humanística, bem que poderia se encarregar

desta missão, para nossa edificação e deleite. A tanto requeria a estirpe, o valor, as credenciais do recipiendário desta noite.

No meu caso, permiti ainda esta digressão, já que aludi em começo à obra de Anatole France, aqui me encontro como aquela personagem do conto “Le Jongleur de Notre-Dame”. (2) Barnabé era um pobre jogral de feira, desses que atraem a alma cândida das crianças e dos vagabundos, desses que saltam, que se distorcem, que engolem chama e equilibram objetos na ponta do nariz. E, como tal, era paupérrimo, inclusive de outros talentos. Viviam, por isso, em meio às maiores dificuldades; porém, como tinha o coração simples, aceitava suas vicissitudes com uma soma igual de paciência. Era honesto. Não blasfemava. E se não possuía mulher, não lançava também os olhos de cobiça à dos vizinhos. Contentava-se, neste particular, com a história de Sansão, a personagem por ele mais admirada das Escrituras, e que no entanto perdera-se por causa das artimanhas de uma mulher. Ademais era sóbrio; não bebia senão quando o tempo estava muito frio um gole de vinho aquecido. Era temente a Deus e devoto de Nossa Senhora. Contudo, só recitava uma oração. Ajoelhava-se ante o altar da Virgem e rezava: “Mãe de Deus, cuidai de minha vida até que pela vontade de vosso filho eu esteja morto; e quando eu morrer concedei-me as alegrias do Paraíso.” Um dia, numa de suas vagabundagens costumeiras pelos caminhos, Barnabé encontrou-se com um monge, o qual convidou-o a abraçar a vida monástica. Porque era pobre, porque era simples, porque era temente a Deus, Barnabé aceitou o alvitre e se fez monge também. Mas no convento, em que se recolhiera, os monges todos ou eram poetas, ou eram músicos, ou eram escultores, ou eram exegetas. Somente o pobre noviço não tinha habilidades, ou ciências, ou lirismos dignos de oferta à Virgem Santíssima. Nada possuía senão humildade. Ocasionalmente, porém, foi informado de que antes dele havia no convento um monge tão ignorante que não sabia nada senão rezar a *Ave Maria*. Ao morrer, entretanto, de sua boca desa-

(2) In *L'Étui de Nacre*, Paris, Calmann-Levy, Editeurs, s/d, p. 91.

brocharam cinco rosas, cada uma representativa de uma letra do nome de Maria. Então o pobre jogral concebeu uma idéia. Desejava ardentemente servir de alguma cousa à Santa Mãe de Deus e não tinha outros meios. Todas as manhãs, enquanto a Ordem empenhava-se nos trabalhos costumeiros, ele vinha ante o altar da Virgem e ali, horas seguidas, executava os seus números de feira, as suas cambalhotas, o seu caminhar de pernas para cima, os seus jogos de circo. Primeiro, foi tomado por louco. Os monges olhavam-no compadecidos. Depois, os superiores reconheceram que ali estava uma alma simples, plena de virtudes, dando do que dispunha em honra de Maria.

Em outro plano é o que eu agora faço. Dou de meu o que disponho para ofertar. Dádiva esta bem mesquinha, sem dúvida. Não seria eu, como disse, a pessoa bem indicada para os misteres de que fui encarregado. Encargo tão honroso que me surpreende e confunde. Que vos poderia dizer, sr. Moreira Campos, se nem bem posso transmitir a mensagem de que estou sendo portador, se tão pouco adestrado — mercê de minhas inúmeras e absorventes ocupações profissionais — se tão pouco adestrado, dizia, ando eu na prática e nas sutilezas da vida acadêmica. Que poderia eu proclamar, nesta magna assembléia, a respeito de vossa vida pública, dos vossos serviços à causa comum, de vosso comportamento perante a sociedade de que sois parte saliente pela vossa inteligência, pela vossa operosidade, pelo exemplo de vossa conduta cívica, pela honorabilidade de vossos títulos?

Sem dúvida que minha atitude aqui se assemelha àquela do jogral do conto anatoliano. Faço o que posso e como posso. Mal me mantenho em equilíbrio sobre o estreito fio das conveniências acadêmicas, mal me sustenho no malabarismo das palavras que me ocorrem desordenadas e sem ritmo em torno de assunto para o qual me falta eloquência. Muitas palavras felizes se perdem no meu desesperado esforço por captá-las e reuni-las no tom de um discurso ou de uma saudação conveniente. E o jogo que poderia ser belo e agradável à vista e ao ouvido, se no domínio da palavra de companheiros mais adestrados, se embaraça e se perde sem deixar impressão.

Eu sei que é de vossa inteligência e de vossa tolerância o saber dispensar a deficiência alheia, por trás dela reconhecendo e realçando os propósitos de acerto, a generosidade de coração. E isto é o bastante para me consolar. Espírito medido e experimentado ao calor de profundas antinomias, vossa compreensão se abre a todos os problemas humanos e é justamente aqui, nesta aptidão de sentir e entender as sublimidades e os ridículos, as angústias e as contradições da alma humana, que está a grandeza e o êxito de vossa obra. Eu sei também que ao lado destas virtudes a vossa lucidez intelectual está vigilante, que possuíis a vossa originalidade criadora, a perfeita intuição estética dos fenômenos literários, a maneira pessoal de sugerir ou contar, pela inumanidade da arte, os temas inspirados de vossa experiência; não certamente os temas documentados por vossa experiência, o que é bem outra coisa.

Desde já, sr. Moreira Campos, eu vos advirto de um fato que, ao primeiro encontro, tem causado decepção a muita gente. A coisa mais fora da moda que existe é uma Academia. A independência de vossa cultura e à singularidade de vosso espírito, certamente tudo isto que aqui se concebe ou se realiza terá o sentido de pré-formulado ou cediço. A começar pelo tom algo formal com que vos estendo a mão ao penetrardes os umbrais desta Casa, uma das mais veneráveis e a mais antiga de todas as fundadas neste País sob os moldes daquela que nos começos do século XVII foi criada na França sob os auspícios de Richelieu. É que a recepção de um Acadêmico tem o sentido de uma iniciação e, conseqüentemente, há-de sugerir a aparência dos velhos ritos.

Mas eu vos dizia que as Academias são entidades fora da moda. Sim, num certo sentido. A tendência da moda é generalizar, enquanto que a Academia particulariza. Graça Aranha cometeria um grande erro ao pretender que a Academia Brasileira de Letras aderisse ao Movimento Modernista de 1922. Seu gesto rompendo com a Academia foi quixotesco, inconseqüente. Ele poderia fazer a literatura que fez, um belo romance ainda hoje mal intepretado pela crítica brasileira —

aliás com muito pouca afinidade com os intuítos radicais do movimento — sem se afastar da Casa de Machado de Assis, que o acolheria muito jovem, ainda quando não publicara qualquer de seus livros. O papel das Academias não é aderir aos movimentos renovadores, porém observá-los serenamente e aguardar que o tempo ajuste os ponteiros sobre as dissensões, quando então poderá recolher para a literatura, ou para as artes, ou para a ciência o que de belo, forte e legítimo escapou da prodigalidade de ontem. Muitos dos jovens de 22 estão hoje dentro da Academia; e não só os rebeldes daquele tempo, eles em pessoa, porém ainda as suas idéias, as suas fórmulas e o seu sistema de persuasão dialética. Portanto, as Academias estão sempre fora da moda, no sentido de que não podem participar, por coerência de constituição, com o radicalismo das inovações estéticas, sob pena de se esvaziarem de seu conteúdo acadêmico.

Em escala menor repete-se o fenômeno relativamente à Academia Cearense de Letras. Também nós, do Grupo *Clã*, atiramos as nossas pedras, felizmente metafóricas, contra os alicerces desta instituição no intuito de arrazá-la ou pelo menos de aluí-la. E agora quase todos nos abrigamos sob a égide gloriosa desta Casa de Tomás Pompeu e Antônio Sales. Agora, quando infelizmente temos muito mais necessidade de proteção do que tínhamos ontem, pois que vivemos na incerteza dos tempos, no âmago mesmo deste século de provações, em plena falência do pensamento positivo-mecanicista.

A literatura nos tempos que correm, como na Idade Média, recolhe-se grave e acanhada de vil tristeza ao silêncio dos gabinetes e ao recesso das Academias, como outrora ao recolhimento dos cláustros. Não obstante tratamos de literatura, fazemos da literatura e da poesia uma motivação permanente de nossas vidas, certos de que um dia a crise terá fim.

O futuro do mundo é incerto, porque estamos frente a uma nova etapa da História. A agonia que vivemos na hora presente não decorre intrinsecamente do desajustamento moral. Engana-se quem lança à conta de fatores éticos os desa-

certos que nos afligem e amesquinham. A desordem moral é efeito, não causa. Em verdade a crise do mundo tem uma expressão econômica, uma expressão social profunda, uma expressão, por assim dizer, de caráter divino, porque é a mão de Deus que nesta hora suprema, como antes do Dilúvio, paira sobre o destino dos homens. O nosso período contemporâneo de economia de empresa, de livre concorrência e ilimitado individualismo e que, segundo o nosso entender, representa o estágio mais elevado do progresso humano, é já agora mais que duvidoso. A civilização sobreviverá, estou certo, à ação das forças confabuladas para destruí-la — e é certo que muitas das instituições em que ela agora se encarna não de perecer, porém a generosidade dos homens, a sua chama de eternidade, esse ânimo que ora nos reúne em compreensão e amizade, terá de sobreviver. E ainda outra convicção me assiste: um dos elos que ligam os homens na ação desinteressada, que ligam os homens pelo coração, pela inteligência e pelo sentimento, será, sem dúvida, a literatura, a poesia. Passam as coisas, passam os impérios, passam as nações, passam os preceitos e as leis se tornam cediças, passam os feitos efêmeros das ambições vãs e dos gestos de rapina, mas não hão de passar jamais os nomes de Homero, nem de Sófocles, nem de Ésquilo, nem de Dante, nem de Shakespeare, nem de Camões, nem de Alencar ou Gonçalves Dias.

O desprestígio da poesia é passageiro, disto tenhamos a certeza. Não nego a alarmante realidade de que a literatura passou a atividade secundária em nossa civilização, e isto, eu vos digo com todo o meu coração e toda a minha certeza intelectual, é o maior indício de que estamos involuindo, o maior sintoma de que estamos perecendo na ordem moral, na ordem econômica e na ordem mental. “Um povo que descuida de seu patrimônio literário, escreveu T. S. Eliot, (3) é um povo que se converte em bárbaro; visto que o povo que deixa de produzir literatura paralisa o seu pensamento e a sua sensibilidade.”

(3) *The use of poetry & the use of criticism*, London, Faber, 1959, p. 15.

Não nos assentam estas objurgatórias, nem a mim, nem à maioria dos que compõem este sodalício, e muito menos a vós, sr. Moreira Campos, que é justamente porque sois um dos nossos, porque possuíis todos os dons intelectuais e morais de um verdadeiro escritor, que vos foi dada a honra de ocupar a Cadeira nº 38, cujo Patrono é o cônego Ulisses Pennafort, vaga com o falecimento de José Waldo Ribeiro Ramos, um dos mais formosos espíritos que esta Casa teve a glória de abrigar — escritor, historiador, crítico, geógrafo, professor e conferencista que a todas essas atividades soube servir e enriquecer com abnegação, fidelidade e talento.

Não me deterei, entretanto, na apreciação dessas personalidades ilustres, que essa tarefa é vossa e, estou certo, dela vos desincumbireis com dignidade e brilho.

Meu conhecimento convosco, sr. Moreira Campos, não data de muito tempo. Certamente estareis lembrado da época e das circunstâncias. Foi por volta de 1944-45. Primeiro, foi num encontro fortuito e eu não cheguei bem a perceber com que espécie de homem estava me encontrando. Por esse tempo eu remetera os originais de meus contos a um concurso local e fora advertido por um amigo: "Se o Moreira Campos não concorrer contigo, é bem provável que arrebatas o prêmio." Não dei maior atenção ao reparo, mesmo porque não tinha a veleidade de considerar o meu livro capaz de merecer a escolha do júri. Depois, certa noite, no pátio interno do Teatro José de Alencar, conversamos longamente sobre literatura, sobre livros e autores, numa conversa que se prolongaria no tempo e ainda hoje continua sem jamais ter fim. Referistes, então, vossos projetos, comunicastes-me a ação e o plano de alguns de vossos contos — lembro-me bem que faláveis de um burocrata que apoiava ambas as mãos numa régua contra a própria nuca — e então eu tive a revelação precisa do risco que corri de perder o prêmio. Não fossem os requintes de vossa autocrítica ou talvez a consciência de que os trabalhos não correspondiam ainda ao vosso ideal de arte, e a láurea comemorativa do centenário de Eça de Queirós ter-se-ia escapado para sempre de minhas mãos.

Desde então o meu contato convosco vem sendo ininterrupto e cada vez mais estreito numa profunda afinidade de gosto, de idéia e de sentimento que acredito nos há-de reunir pela vida toda, sobretudo agora quando nos encontramos sob o mesmo glorioso teto desta Academia de Letras.

Desde 1929 residis em Fortaleza, para onde viestes egresso das Lavras da Mangabeira, cidade de vossa infância e adolescência, na qual colhestes o melhor de vossa experiência e o material indispensável à feitura dos contos mais ligados às tradições de nossa gente e de nossa terra. Contudo, eu não vos encontraria na quadra temerária do Congresso de Poesia, em 1942, marco inicial do Grupo *Clã*, ao qual pertenceis por direito de conquista, por imposição de vossa alta hierarquia intelectual. Lembro-me de vossa presença no I Congresso Cearense de Escritores, em 1946, mas então ainda não vos sabia o homem que se revelaria depois. Apenas um gesto de independência e rebeldia, um gesto talvez de sagrada intolerância, que a serenidade do Presidente da Mesa e a compreensão de vosso então adversário não permitiriam se transformasse em incidente, marca na minha lembrança e na minha admiração a vossa passagem por aquele certame. Perdoai-me eu reviva este episódio, que sei por muito tempo vos causaria arrependimento e vexame, todavia ele é bem revelador de uma faceta de vosso caráter e de vossa generosidade. Éreis jovem, impetuoso, admirável. Hoje, sobre os vossos cabelos brancos, a vossa experiência e a vossa saudade, deitareis um sorriso de repreensão e de complacência àquela atitude de ontem. Tão doce, entretanto, é recordar, sr. Moreira Campos — não na miséria, como refere o poema dantesco — que até os momentos de adversidade ou de ridículo de que a nossa inexperiência da juventude está marcada, são lembrados em nossas meditações ou em nossas conversas com satisfação e saudade. E eu sei com que divertido aprazimento relatais certos episódios de vossa vida, para nossa admiração e gaudio, com essa graça e essa arte de narrar de que possuíis o segredo e o domínio inexcedível.

Todas essas pequeninas coisas completam o homem e o artista que sois agora, em plena maturidade, em pleno apogeu de vossa força criadora.

Não é preciso repetir o quanto vossa obra me interessa, o quão estreitamente venho acompanhando a vossa evolução literária. Não terei sido, com toda a certeza, o vosso melhor crítico, mas tenho a satisfação de proclamar que fui dos primeiros a dizer de vossos méritos de ficcionista, de vossa extraordinária aptidão criadora. Ainda agora, na colheita de material para os efeitos desta saudação, vejo como são válidos, pelo menos no que me concerne, alguns conceitos emitidos em minha crítica sobre vossos primeiros contos. No meu ensaio *Natureza e Evolução do Conto Cearense* (4) eu me referia a *Vidas Marginais* (5) e a seu autor com estas palavras: “O que o escritor tem de seu é a maneira de observar e tratar os sentimentos e as reações que se agitam por trás dos atos e dos gestos, dos risos e das lágrimas, das palavras e dos gemidos, bem no fundo dos corações e das almas.” Eu queria significar com isto que nem os atos, nem os gestos, nem os risos, nem as lágrimas, nem as palavras, nem os gemidos interessariam ao artista na sua aparência deflagrante, na sua significação frontal, porém os sentimentos e as reações que se escondem por trás dessas manifestações de humanidade e que representam vida. A vida latente que se aloja no espaço da arte e que somente na poesia e na literatura pode ser revelada.

O vosso primeiro livro foi composto ao influxo vivificador de vossos mestres. É natural. Gide já nos ensina e tranqüiliza, numa admirável conferência pronunciada em Bruxelas a 29 de março de 1900, que não é possível ao homem o eximir-se às influências, boas ou más, e que as influências nos vêm como um feliz ensejo de enriquecimento pessoal. E se por vezes negamos esta evidência é porque no mundo das letras há uma infinidade de medos — o medo do novo, o medo do velho, o medo das palavras estrangeiras. Contudo, o maior de todos,

(4) *Clã* n.º 12, fevereiro de 1952.

(5) Edições Clã, Fortaleza, 1949.

o mais pusilânime, o mais tolo, o mais ridículo é o medo de perder a personalidade. Daí o receio das influências mesmo benéficas que elas sejam. (6)

Tendes sido muita vez acusado de submissão à maneira de compor de Graciliano Ramos e eu já vos pressenti o desapontamento que essa dependência vos causa, pois que, de certo modo, admitida por vosso raciocínio. Porém uma verdade vos afirmo: não sois discípulo do romancista de *Angústia* senão na medida de que o mestre nordestino também o era de Eça de Queirós e de Machado de Assis. No entanto, é tão extraordinária a sua obra romanesca quanto aquela com que os dois grandes escritores enriqueceram o patrimônio da língua comum. E ainda: não sois discípulo do Graciliano contista, senão do Graciliano escritor, pois vossos contos não têm qualquer identidade com aqueles do autor de *Insônia*.

Vosso mestre em ascendência direta é Eça de Queirós. Diria melhor: foi Eça de Queirós, não o Eça pelo que ele realizou de intencional, que em parte era prejudicado pela influência do Naturalismo, porém o Eça artista que superava escolas, o Eça irônico, ático, humorista, profundamente identificado com os problemas da alma humana e com as leis que definem os fenômenos da expressão literária. Este é o vosso mestre; este é o mestre de todos nós que redigimos em língua portuguesa. Quereis ter um exemplo de quanto o autor de "Singularidades de Uma Rapariga Loura", de "O Defunto", de "José Matias", de "O Suave Milagre" tinha consciência de sua arte? Este trecho está no prefácio com que valorizou os *Azulejos*, contos do Conde de Arnos: "No Conto tudo precisa ser apontado num risco leve e sóbrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa uma personalidade; dos sentimentos apenas o que caiba num olhar, ou numa dessas palavras que escapa dos lábios e traz todo o ser; da paisagem somente os longes, numa cor unida." (7) Isto é de 1886 e não há melhor definição do conto a que cha-

(6) *Prétextes*, Paris, Mercure de France, 1947.

(7) *In Notas Contemporâneas*, 4.^a ed., Porto, Chardron, 1923, p. 142.

mamos moderno. Para ser preciso: isto é do conto em todos os tempos. É uma receita de ontem, é uma receita de hoje, será uma receita de amanhã.

Mas falávamos relativamente à vossa obra. À data de meu ensaio eu me referia ao conto "Lama e Folhas" e o colocava no ápice de vossas possibilidades expressionais. Considerava-o uma obra-prima de ironia e de sentimento, um instante feliz em toda a novelística brasileira, e ainda não encontrei motivos para retificar o juízo que então formulei.

Corroborando este meu julgamento, Herman Lima considerou-o, posteriormente, uma "obra-prima do conto moderno universal". (8)

Várias vezes tenho voltado ao convívio daquela página e sempre que a analiso, quer do ponto de vista de elaboração técnica, quer do ponto de vista de intuição psicológica, quer do ponto de vista de consciência estilística, sempre a encontro admirável e sem claudicação. Certo que ali se percebe mais acentuada e mais significativa a influência do estilo de Graciliano Ramos, contudo, forçoso é reconhecer, na graça de sugerir e na lógica psíquica de suas figuras, no que toca ao gênero, o discípulo superou em muitas ocasiões as virtudes do mestre. Guardo esse conto como num álbum de reminiscências para constantemente tornar às suas páginas como faço por vezes a "Missa do Galo" ou "Trio em Lá menor" ou "O Enfermeiro" de Machado de Assis, a "Um Prego mais Outro Prego" ou "Darcilinha" de Adelino Magalhães, a "O Enxoval" de José Geraldo Vieira, a "Foguetes ao Longe" de João Alphonsus, a "As Moças" de Ribeiro Couto, a "O Santo" de Afonso Schmidt, a "Reencontro" de Osman Lins, a "Começo de Vida" de Dalton Trevisan, a "O Abutre" de Eduardo Campos, a "João Redondo" de Fran Martins, porque todas lhe são afins em sugestão e humanidade.

O escritor evoluiu, desde o seu conto de 1949, adquiriu, com o tempo e com o trabalho, uma admirável maturação técnica, dominou o seu material de expressão como muito pouca

(8) In "Letras e Artes", suplemento do *Diário de Notícias*, Rio, 2-12-56.

gente tem alcançado nesta nossa literatura de agora, tão consciente de sua valia intrínseca e, ao mesmo tempo, tão carregada de contrafação e de equívocos. Desta nossa literatura que sobrevive a golpes de talento e de obstinação, que morre e resiste acima da mediocridade bem instalada na crista da propaganda dos jornais, que morre e resiste acima dos intuítos entreguistas da política econômica brasileira que engendrou esse monstro insano destruidor do livro e da cultura que é a “Instrução 204”.

Com a publicação de *Portas Fechadas*, em 1957, (9) grandestastes um renome excepcional no plano brasileiro. Conseguistes, a despeito das artimanhas da subcrítica nacional, o Prêmio “Artur de Azevedo”, do Instituto Nacional do Livro, e as antologias em língua portuguesa, em língua estrangeira, recolheram de vossa obra expressivas páginas para sua ilustração e prestígio.

Herman Lima, ainda antes de que o livro fosse publicado, (10) com a autoridade que adquiriu no longo trato do assunto, escreveu um artigo em que vos elevou à justa categoria de “um mestre do Conto Moderno”. A análise a que então submete o livro é sobremodo penetrante e, por assim dizer, definitiva. Naquele artigo o crítico daria ainda uma perfeita definição do artista que sois, do homem que continuais sendo: refere-se à vossa “arte de prodigioso contador verbal de casos e anedotas populares como sabem todos os que conhecem pessoalmente esse homem de meia idade, magro e longo, de voz mansa e modos lentos, palavra pronta e ditos agudos como a sua imagem física. Mesmo quando, muita vez, o episódio nuclear da história é, aliás, a menor parcela do absoluto êxito de qualquer narrativa sua, consistindo o segredo de seu *metier* na genuína singularidade da efabulação”.

Não ficastes, entretanto, apenas nestes dois livros. Continuastes a trabalhar e ainda agora trabalhais no mesmo entusiasmo e no mesmo empenho. Tendes na Livraria Francisco

(9) Edições *O Cruzeiro*, Rio.

(10) *Op. cit.*

Alves, em São Paulo, os originais de um novo livro a que intitulastes de *Histórias à Meia Sombra*. Por vossa magnanimidade, tive ocasião de ler essa obra no original datilografado e posso afirmar de público, em tranqüila consciência: estais ali, naqueles contos, esplêndido e definitivo. O mesmo homem e a mesma alma aberta aos problemas da natureza humana e aos fenômenos da literatura, porém vossa arte está purificada em suas manifestações expressivas. Ficastes, em definitivo, um grande mestre do conto em nossos dias, no mesmo pé de igualdade a um Dalton Trevisan ou a um Osman Lins. Só aqui o conto brasileiro completaria a sua categoria universal, pelos temas, pela teoria da efabulação, por todos os dons que essa arte difícil é capaz de realizar e definir em sua ambigüidade de ficção e poesia.

Ao lado de vossos méritos intelectuais e literários, sr. Moreira Campos, o que por isto somente vos credenciaria de sobejo à entrada neste Cenáculo de Letras, reunís ainda as vossas qualidades de expoente. Sois burocrata de altas delegações, advogado, professor em duas Faculdades, consultor de assuntos técnicos de comércio e administrativos. Daí porque desde há muito todos nós vos considerávamos um sócio em potencial desta Instituição. Tudo dependia apenas de uma vaga, que não desejávamos, e da vossa vontade em participar de nosso convívio.

Neste momento, como numa alegoria, estão convocadas todas as vossas personagens, todas as criaturas de vossa imaginação e de vossas vivências, para vos assistir nesta demonstração pública de vossa glória e de vossa imortalidade.

As portas da Academia vos estão abertas; os nossos corações também. Este é o recado que vos trago. Podeis entrar.